

**O CAMINHO DO POÉTICO ENTRE HEIDEGGER E HÖLDERLIN: A  
ESSÊNCIA ABISSAL DO POETAR**

[THE PATH THROUGH THE POETICS BETWEEN HEIDEGGER AND HÖLDERLIN:  
THE ABISMAL ESSENCE OF POETIZING]

**Lisandra Caroline de Araújo Lima Teixeira**

*lisandrateixeira1010@gmail.com*

*A autora é bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e mestra em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Estuda o pensamento de Martin Heidegger e atua nos seguintes temas: crítica à modernidade, verdade, técnica e ciência moderna.*

DOI: [10.25244/tf.v14i1.3535](https://doi.org/10.25244/tf.v14i1.3535)

Recebido em: 10 de junho de 2021. Aprovado em: 16 de setembro de 2021

Caicó, ano 14, n. 1, 2021, p. 103-116

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v14i1.3535](https://doi.org/10.25244/tf.v14i1.3535)

Dossiê Sagrado e poesia no pensamento de Heidegger



**Resumo:** O artigo tem por base pensar acerca da análise heideggeriana sobre o poetar e sua essência, partindo, assim, da poética de Hölderlin. Busca-se, então, meditar acerca do sentido próprio do poetar e do papel do poeta na escuta e nomeação do sagrado que vem à palavra. A relação do poeta com o sagrado é o cuidado do acolhimento. O poeta é o intermédio entre os deuses, que trazem os acenos do sagrado, e os homens. Esses precisam do canto do poeta no rememorar de sua pátria mais própria que foi esquecida. A natureza é, na poesia de Hölderlin, o sagrado onipresente que tudo permeia e possibilita a criação. Os poetas pressentem o vindouro que se ausentou e por lhe pertencer o corresponde. Ele acolhe o sagrado na palavra e nomeia seu inaugural. Esse sentido, no poetar de Hölderlin, nos remete ao sentido grego de *physis*, crescimento do que brota por si. *Physis* dá clareza a tudo que irrompe, ela está em tudo que se presentifica, é clareira (*Lichtung*). Como natureza é caos sagrado, caos é abismo, aberto em que tudo é engolido. O abismal é, assim, o sem fundamento do real, da liberdade do romper inaugural. O cantar do poeta é testemunho, portanto, do inaugurar do caos sagrado.

**Palavras-chave:** Poesia. Sagrado. Caos. Natureza. *Physis*. Abismo.

**Abstract:** The article is based on thinking about Heidegger's analysis of the poet and his essence, thus departing from Hölderlin's poetics. The aim is, then, to meditate on the poet's own meaning and the poet's role in listening to and naming the sacred that comes to the word. The poet's relationship with the sacred is the care of welcoming. The poet is the intermediary between the gods, who bring the beckons of the sacred, and men. These need the poet's song in remembering their own homeland that has been forgotten. Nature is, in Hölderlin's poetry, the omnipresent sacred that permeates everything and makes creation possible. The poets sense the coming who has gone away and, because he belongs to him, the correspondent. He welcomes the sacred in the word and names its inaugural. This sense, in Hölderlin's poet, takes us back to the Greek sense of *physis*, the growth of what sprouts by itself. *Physis* gives clarity to everything that breaks through, it is in everything that makes itself present, it is clearing (*Lichtung*). As nature is sacred chaos, chaos is an abyss, open in which everything is swallowed. The abysmal is, thus, the groundless of the real, of the freedom of the inaugural break. The poet's singing is, therefore, testimony to the inauguration of the sacred chaos.

**Keywords:** Poetry. Sacred. Chaos. Nature. *Physis*. Abyss.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretende-se traçar a análise feita por Heidegger a partir da meditação poética sobre o próprio poeitar e da habitação humana em sua relação com o sagrado. Deve-se meditar, aqui, originariamente sobre a essência do poeitar. Será tratado, primordialmente, essa essência no pensamento tomado por Heidegger através da poesia de Hölderlin. Inicialmente em “...*Poeticamente o homem habita...*” (2012) e *Construir, habitar, pensar* (2012). Posteriormente, em sua preleção *Para quê poetas?* (2014) e, por fim, a partir de sua obra *Explicações da poesia de Hölderlin* (2013). Nessa Heidegger parte da poesia de Hölderlin para pensar propriamente uma outra relação com o ser até então esquecida que nos leva à outra forma de habitação humana e de pensar.

Nesse habitar (*Wohnen*) não se trata mais de um mero residir, mas antes de uma morada. O que é construído oferece, assim, abrigo aos homens. O construir já é uma forma de habitação humana. Na construção (*Bauen*), como habitar, Heidegger nos remete à uma outra antiga palavra do alto alemão: *Buan*, para designar uma morada, habitação. Possui o sentido, também, do alemão *Nachbar* como o que habita na proximidade. O que, posteriormente, será desvelado, através da poesia de Hölderlin, como o sagrado que permeia toda a proximidade dos homens.

Somos aí à medida que habitamos nesta terra, na nossa temporalidade como mortais. Dessa forma, construímos e cultivamos na edificação de mundos. A forma de habitação poética é, então, um resguardo, um cultivar dos mortais sobre a terra e sob o céu. Para Heidegger, é a partir da poesia de Hölderlin que desvela-se o manifesto do céu e dos deuses como o que nos trazem para proximidade do que permanece em mistério. A relação do poeta como mortal com o céu é o acolhimento, o resguardo, nele as coisas são deixadas ser.

Na espera dos deuses, na escuta de seus acenos, o homem não é mais senhor. Agora, mantém-se o resguardo na manutenção livre do que vem em seu próprio vigor. Deixar a coisa vir em sua liberdade, demonstra o habitar humano não como sujeitos destinados à dominação representativa, já somos aí juntos às coisas no aberto. Resguardar, cuidado, é salvar, esse é deixar a terra aparecer, acolhê-la em seus ciclos. Habitar, dessa forma, é a própria essência da existência humana.

## O HABITAR POÉTICO DOS HOMENS E O ENFRENTAMENTO ABISMAL DOS POETAS

Em “... *Poeticamente o homem habita...*” (2012) Heidegger trata, aqui, da poesia. Essa não deve ser tida enquanto objeto de literatura, ou puramente imaginética e contemplativa. O habitar poético da poesia de Hölderlin diz sobre o sagrado em que o poeta se relaciona no habitar humano. O poeta é quem escuta, ele acolhe o que vem ao seu encontro, o inesperado. Na parte do poema de Hölderlin *No azul sereno floresce...* (*In lieblicher Bläue...*) tem-se: “Cheio de méritos, mas poeticamente habita esta terra.” Os méritos do homem visto como senhor em meio às suas criações não é o que determina, porém, o seu habitar.

O homem habita poeticamente a terra. Ao habitar os homens levantam seus olhos para o divino e se mede com os celestiais, tomam medida. Nos versos 28 e 29 do mesmo poema nos diz Hölderlin: “O homem mede-se... com o divino”. O divino dá, assim, medida ao seu habitar. Tomar medida é o que determina o habitar poético do homem na terra. Logo, poetar enquanto *Dichtung*.

Nessa poetar resiste, portanto, um resguardo que é determinado por uma relação de liberdade na escuta aos acenos que deixa-ser aquilo que é. Poetar é ir ao encontro do que se acena, o que acena é o próprio sagrado. Ele é ainda não revelado e desconhecido e mantém-se, assim, preservado. Dessa forma, a essência do habitar é poética, mesmo que não aparente. Poetar é a escuta própria dos poetas.

Na preleção *Para quê poetas?* (2014), Heidegger parte da poesia de Hölderlin *Pão e vinho* que nos questiona “*Para quê poetas em tempos indigentes?*”. Através da questão, podemos estabelecer um caminho para a própria essência do poetar e da era atual. O tempo da noite do mundo como põe, também, o poeta Rilke. Essa era da noite do mundo, da era técnica, é marcada pela ausência do sagrado. Esse, para Heidegger, não se trata, aqui, de nada religioso ou dogmático. Ele foi esquecido.

A era técnica moderna, marcada pelo esquecimento do sagrado, impera a determinação calculadora do pensamento. Sua essência se expande e impera sobre todo o planeta, como uma forma de des-velar que tudo interpela violentamente, *ge-stell*. O mundo se torna objeto, matéria-prima e massa que é passível de ser previamente calculada e assegurada. Nessa forma de desvelamento tudo é disponível.

Para Heidegger, a determinação do pensar técnico é requerido por um fundamento do pensar caracterizado pelo estabelecimento de um fundamento absoluto de verdade como certeza da representação. Uma virada (*Kehren*) nesse pensar é possível, para Heidegger, através da ultrapassagem a partir do abismal. O abismo (*Abgrund*) é o fundo sem fundo, sem fundamento de todo pensar, ele é a falta de solo que rege o real. Para mudar a direção para o abismal se faz necessário, no entanto, quem o faça. O poeta é quem vai em direção ao abismo.

A recordação para o sagrado acontece na viragem. Afirma Heidegger (2014, p. 310): “Os deuses que ‘outrora existiram’, apenas ‘regressam’ ‘no tempo certo’, nomeadamente, quando se tiver dado, com os homens, uma viragem no lugar certo do modo certo”. Os poetas são, assim, os mortais que recebem os acenos dos deuses foragidos, até então esquecidos. Os poetas, então, nomeiam o que se ausenta e dizem o sagrado. A essência do poetar é o canto em tempos indigentes. No perigo do esquecimento o canto do poeta nomeia o que se ausenta, para isso adentram o abismo.

Entretanto, na era indigente, a própria natureza se torna parte do domínio da representação humana, tudo é calculado, objetificado e produzido a partir de seu domínio. A natureza é fonte de matéria-prima disponível e o mundo está a disposição do sujeito dentro de um projeto matemático de domínio. A essência do homem moderno dis-põe tudo enquanto objetividade.

A essência da técnica moderna, *ge-stell*, determina a forma de controle e domínio sobre o real. Ela determina, também, o desenvolvimento das ciências modernas da natureza, onde essa passa a ser tida como objeto antecipadamente calculado e apreendido. O que vale como sendo é o que se tem certeza a partir da validação unilateral do método científico universal.

A fundamentação técnica e o domínio do pensamento representativo pode ser outramente pensado através da virada para o aberto, para o abismo. Como explica Heidegger (2014, p. 334): “As construções cegas, sem imagem, da produção técnica impedem o acesso ao aberto da conexão pura. As coisas outrora crescidas desvanecem depressa. Elas deixam de poder mostrar a sua própria identidade através da objetivação”. O abismo é o aberto que o homem imerso no mundo técnico se separa. Ao dispor o mundo como objeto ele bloqueia o caminho para o aberto e se encontra na despedida contra ele. O poeta é, então, aquele que adentra no aberto e escuta o que vem ao seu encontro. Os poetas chegam primeiro ao abismo. Eles são os que mais arriscam para alcançá-lo. Dessa forma (HEIDEGGER, 2014, p. 341): “Quem arrisca mais do que o fundamento, atreve-se a chegar aonde se carece de qualquer fundamento, ao abismo”.

Na virada para o aberto dizemos sim para o desamparo do abismo, do que é sem fundamento e simplesmente vige. Assim, nos indaga Heidegger (2014, p. 356): “Quem dos mortais será capaz de recordar, provocando esta inversão?” O poeta é esse que ao dizer é o que mais arrisca ao entrar na casa do ser, na linguagem. O dizer do poeta é cantar o próprio existir. O canto que mais arrisca é o cantar do aberto. A linguagem do poeta é, aqui, escuta do que vem ao encontro em liberdade. Escuta precede o dizer e é pertença ao aberto.

É no cantar que o poeta retorna ao sagrado e dizem sobre o desamparo do homem. Poetar é um regressar, retornar à pátria própria do homem. O poeta, então, como quem procura e aguarda recebe a saudação das coisas no aberto. O fazer do poeta como poematizar é um encontrar. A coisa que vai ao encontro do poeta, ela mesma poematiza na medida em que olha na direção para onde é observada.

## **A ESSÊNCIA DO CANTO DOS POETAS COMO ACOLHIMENTO DO SAGRADO**

Heidegger, na preleção sobre Hölderlin acerca de seu poema *A chegada aos parentes* em *Explicações da poesia de Hölderlin* (2013), remete ao caráter de radiância do iluminar que tudo esclarece e que possibilita o aparecimento da coisa própria em sua essência. O que vem ao encontro, então, saúda o poeta na pátria própria do homem. Para Heidegger, essa pátria trata, então (2013, p. 25): “‘A casa’ significa aqui o espaço providenciado para os homens, o único no qual eles podem ‘sentir-se em casa’ e por isso também ‘em casa’ no mais próprio do que lhes foi enviado. Este espaço faz da terra incólume um presente.” Na luta ambígua as coisas aparecem e novamente se velam. Nessa ambiguidade o que saúda com os acenos da divindade faz aparecer a própria claridade do que rompe se desvelando.

A essência da pátria própria dos mortais é, então, o resguardo do que irrompe na clareira (*Lichtung*). Acrescenta, assim, Heidegger (2013, p. 25): “Contudo, o que já vem ao encontro nem por isso deixa de ser algo ainda procurado.” Não é, portanto, uma tarefa que finda, mas o que aparece apenas o faz na medida em que também continua a procura dos poetas. Esses são mensageiros dos acenos do sagrado, seu lugar é o aberto. Conforme é exposto no poema de Hölderlin (apud HEIDEGGER, 2013, p. 26): “Tranquilos cintilam, contudo, os cumes de prata lá no alto, coberta de rosas já está lá em cima a neve luminosa.

E mais alto ainda, por sobre a luz habita o puro bem-aventurado Deus que se alegra com o jogo dos raios sagrados”.

A clareira que irradia repousa nela tudo que irrompe e vai ao encontro do homem. Enquanto serenidade, ela é o aberto em que tudo é deixado livre, ela é o próprio sagrado. Esse como serenidade do aberto é a origem de tudo que irradia. Conforme expõe Heidegger (2013, p. 27): “No alegre no mais alto grau acontece a pura radiância.” O que irradia e aclara é abertura no aberto, clareira. A serenidade como sagrado é radiante e, assim, permite que tudo brote e venha saudar os homens. É através do poetar próprio que o sagrado é, assim, transmitido aos homens. Revela-se aí a essência do poetar próprio. O poematizar do poeta pertence ao encontro com o sagrado.

Os deuses, como o divino, fazem parte do sagrado na poesia de Hölderlin. Eles são os que trazem os acenos e enviam as saudações aos poetas a partir da radiância do sagrado. A serenidade é o solo dos deuses como mensageiros do sagrado. Sobre o poema de Hölderlin explica Heidegger (2013, p. 29): “Pois os deuses são os que trazem radiância, os que enviam a saudação a partir da radiância, e a saudação, por sua vez, envia a serenidade.”

Logo, no poema *Patmos* de Hölderlin temos o anúncio da pátria própria do homem que foi esquecida. A volta à pátria é o caminho de volta para o que é originário. O poeta faz o retorno, para alcançar a origem ele deve procurar o que foi esquecido. Assim, se aproxima da origem na medida em que também mantém distância e a preserva. O poeta, assim, retorna para a pátria conforme alcança a origem. Ele transforma o que irradia e vem ao seu encontro no poetar, na nomeação do sagrado.

No entanto, a ida ao que é mais familiar apenas é possível a partir do estranhamento do que é velado e não-familiar para o homem. Poematizar é abrigar na palavra, na linguagem, a proximidade com a origem que irradia, do sagrado que saúda. Ao explicar a poesia de Hölderlin afirma Heidegger (2013, p. 36): “O Altíssimo, que habita a serenidade do santificado, é quem mais próximo está do interior da proximidade resguardante, em que a alegria resguardada do poeta faz sua morada”.

Resguardar é abrigar na palavra na nomeação do sagrado que habita a proximidade. Nomear poeticamente é deixar o sagrado aparecer na palavra. Dessa forma é (HEIDEGGER, 2013, p. 36): “‘Abarcar’ significa nomear o próprio Altíssimo. Nomear poeticamente significa deixar que o próprio Altíssimo apareça na palavra, e não apenas enunciar seu lugar de morada, a serenidade.” No poetar, então, o sagrado é nomeado. No nomear as palavras não são signos ou expressão do homem, mas antes faltam palavras para, assim, dizer o sagrado que é mistério.

Assim, no canto dos poetas, esses recebem os acenos dos mensageiros do sagrado, da divindade que traz a saudação do que ainda não revelou-se. O regresso à casa do poeta é, no entanto, marcado pela ausência do divino, pela falta de deus. A ausência dos deuses foragidos é o que se mantém próximo ao homem, mas ainda assim velado. A falta, entretanto, não é uma ausência. Nela, porém, rege um esquecimento da própria presença da falta. Resta, então, ao poeta aguardar seus acenos que nos remete, portanto, ao fragmento posto por Heidegger do poema de Hölderlin (2013, p. 38): “Mas sem medo fica, quando é preciso, o homem sozinho, ante Deus, a candura o protege, e não são precisas armas nem manhas, até que a falta de Deus o venha ajudar”.

No regresso à pátria acontece resguardo do sagrado no nomear. Esse cuidado dos poetas necessita, no entanto, dos homens para que sua palavra poética possa ser

percepçionada e transmitida ao povo. Podemos citar o fragmento do poema de Hölderlin (apud HEIDEGGER, 2013, p. 41): “Mas não o retém facilmente sozinho, e de bom grado se junta, para que o ajudem a compreender, o Poeta a outros homens”. Os outros devem, assim, ouvir o dizer poético originário que os poetas cantam e precisam aprender novamente sobre ele.

## AS CINCO SENTENÇAS PARA A ESSÊNCIA DA POESIA

Em sua preleção *Hölderlin e a essência da poesia* (2013), Heidegger adentra na essência mais própria do poetar seguindo cinco sentenças orientadoras a partir da poesia de Hölderlin que diz acerca da fundação originária da poesia e do poeta. Na obra, para o filósofo, pode-se desvelar propriamente a essência da poesia. Heidegger, então, busca no poematizar de Hölderlin o essencial dela. Sua obra é, assim, permeada pela própria poesia acerca de sua essência.

Na primeira sentença orientadora, Heidegger cita uma carta do poeta à mãe no ano de 1799, nela Hölderlin chama a poesia de: “A mais inocente das ocupações”. Nesse sentido pode aparentar ser a poesia alheia ao mundo real e sério das ocupações dos homens. Estabelecendo, assim, apenas uma relação puramente imaginética com o real. Afirma, dessa forma, Heidegger (2013, p. 45):

A poesia aparece sob a configuração modesta do *jogo*. Livre de entraves, ela inventa seu mundo de imagens, e permanece absorta no âmbito do imaginado. Com isso, este jogo se subtrai à seriedade das decisões que sempre acarretam culpa, de uma forma ou de outra. Assim, o poematizar é perfeitamente inofensivo. Ao mesmo tempo, é ineficaz, pois permanece um mero falar e discorrer.

Como ocupação sem utilidade na “vida real” social dos homens, ela seria inofensiva já que não intervém na realidade prática. Assim, a poesia se movimentaria apenas na imaginação, *imaginatio*. Como inofensiva e ineficaz não é útil nem participa da vida ativa dos homens. A linguagem caucada no poematizar seria, assim, também considerada inofensiva. Ter, dessa forma, a poesia como a mais inocente das ocupações mantém-se num campo da opinião primeira e comum sobre ela. Essa categorização não abarca, assim, sua essência própria. Mas a partir dessa primeira torna-se claro o pertencimento da poesia à linguagem, onde deve-se aprofundar a procura por sua essência. A obra poética está no âmbito da língua e a partir dela.

Em um fragmento de 1800 de Hölderlin, Heidegger traça outra sentença orientadora (2013, p. 45-46):

Mas em choupanas vive o homem, e embrulha-se em vestes pudicas, pois ele é mais intenso [*inniger*], mais atento também, e seu entendimento é que ele conserve o espírito, como a sacerdotisa a chama celeste. E por isso lhe foi dado a ele, ao homem semelhante aos deuses, o arbítrio e poder superior de errar e executar, e o mais perigoso dos bens, a língua, para que ele, criando, destruindo, e afundando-se, e regressando à eternamente viva Mestra e Mãe, dê testemunho do que é, do que dela herdou e aprendeu, o que de mais divino ela possui, o Amor que tudo mantém.

A linguagem, agora, aparece como o mais perigoso dos bens dos homens, não mais inocente, é nela que tem resguardado o testemunho do sagrado. A língua é antes a mais inocente das ocupações e, também, o mais perigoso dos bens. O homem como quem detém a língua tem o papel de dar testemunho sobre as coisas que são. Ele reporta ao que vem ao seu encontro. Esse corresponder faz parte de sua essência mais própria, como estar-aí na habitação do mundo.

Esse testemunho do homem, de seu pertencimento ao ente, acontece na formação de mundo. Heidegger afirma que o testemunhar da criação de mundos é o fazer histórico. É para isso, portanto, que a língua foi dada ao homem como um bem. Porém, a linguagem representa o perigo supremo. Ela é uma ameaça constante, pois se encontra em permanente possibilidade de esquecimento e erro. Linguagem é o perigo contínuo da sempre possibilidade da fuga e perda do ser, para o engano. Afirma Heidegger (2013, p. 47): “Na língua vêm à palavra tanto o mais puro e o mais recôndito quanto o mais turvo e comum”. Está em jogo, portanto, tanto o perigo da perda do ser, quanto seu aparecimento puro.

Um outro fragmento de Hölderlin diz (apud HEIDEGGER, 2013, p. 47): “Tu falas à divindade, mas isto vós todo esqueceis, que as primícias nunca são para os mortais, que elas pertencem aos deuses”. O que é, dessa forma, tornado manifesto precisa simultaneamente tornar-se cotidiano e acessível aos mortais. No entanto, um nomear originário cotidiano e simples passa a ser tido como não-essencial. Assim, a linguagem que está em constante perigo é posta constantemente na repetição do aparente, do falatório, e posta como um instrumento de comunicação, ameaçando, por conseguinte, seu dizer autêntico. Logo, explica Heidegger (2013, p. 37): “[...] uma palavra essencial se presta a ser tomada, na sua simplicidade, frequentemente como se fosse algo não essencial”.

A língua é posta, então, como posse do homem. Ele se torna seu senhor. Ela lhe serve como instrumento de comunicação e expressão do subjetivo do *cogito*. A linguagem serve como instrumento de compreensão mútua entre os homens, para o entender. No entanto, posto o aspecto aparentemente essencial instrumental da linguagem, esse representa o perigo da errância e mascaramento de sua essência própria que por mais simples e próxima tornou-se turva. Sua essência não é abarcada como instrumento de expressão, nem posse.

Ela, portanto, não é esgotada por essa definição e é a garantia da escuta no rompimento do ser. A língua é bem do homem, no entanto, mais originário. Ela possibilita o habitar do homem como criador de mundos, no aguardo e escuta do romper do ente em sua totalidade. Partindo da delimitação da essência da linguagem pode-se, então, abarcar o caráter mais próprio da poesia.

Em um terceiro fragmento de Hölderlin, dessa vez um esboço de um poema inacabado temos (apud HEIDEGGER, 2013, p. 49): “Muito aprendeu o homem. Dos Celestiais muitos nomeou, desde que somos um colóquio e podemos ouvir um dos outros”. Heidegger destaca o trecho: “desde que somos um colóquio”. Os homens são um colóquio, uma conversa, isso quer dizer que o ser do homem, seu estar-aí é fundado na linguagem que por sua vez é fundada no colóquio.

Como colóquio a linguagem é fundamental. Ela, no entanto, não é mera expressão da língua, em sentindo meramente instrumental. Mas antes é fundada na conversa. Essa significa, portanto, um falar sobre o intermédio do encontro com os outros. Sobre o trecho, Heidegger elenca seu elemento central na escuta. O poder ouvir os outros é pressuposto para a manutenção da fala com eles. Continua Heidegger (2013, p. 49): “Poder falar e poder ouvir são igualmente originários”.

Somos colóquio à medida que podemos escutar os outros. O essencial da língua é a relação de diálogo e escuta. Como colóquios os homens nomeiam as coisas no jogo essencial da linguagem. A língua acontece, portanto, como diálogo. Assim, o sagrado vem ao encontro do homem e, dessa forma, o mundo acontece. O desvelamento do sagrado e do mundo se dá com o acontecimento próprio da linguagem. Dessa forma, explica Heidegger (2013, p. 50): “E isto é tanto mais verdadeiro conforme a conversa que somos, em sentido próprio, consiste em nomear os deuses e no tornar-se palavra do mundo”.

O sagrado é, assim, nomeado no aberto e se direciona ao homem na palavra. A tarefa do nomear é uma correspondência aos acenos do divino. Seu nomear é feito pelos poetas que o fixa na palavra. No fim do poema de Hölderlin *Recordação*, o poeta diz (apud HEIDEGGER, 2013, p. 51): “Mas o que fica, os poetas o fundam”. A partir dessa sentença Heidegger traça propriamente a essência da poesia. Tem-se, então, que a poesia funda através da palavra o que é permanente, o que aparece do ente. Mas ao mesmo tempo o que aparece é, também, algo que simultaneamente se dissimula. Continua o filósofo (HEIDEGGER, 2013, p. 51): “Mas até mesmo este permanente é algo fugidio”.

Para isso que permanece venha a aparecer na linguagem é necessário o fazer do poetas. Assim, conclui Heidegger (2013, p. 51): “O poeta nomeia os deuses e nomeia todas as coisas naquilo que elas são”. O que vem à palavra originariamente é nomeado pela primeira vez essencialmente pelos poetas. O poeitar é fundar o ser pela palavra. O ser, assim, não é nenhum ente entificado. Ele não pode ser totalmente abarcado. Logo, a essência do ser não é resultado de nenhum cálculo prévio assegurador, não é objeto (*Gegenstand*) como algo disponível para o *subjectum*. O ser está em liberdade na medida que é deixado-ser e vai de encontro ao aberto em rompimento.

Portanto, a essência da poesia acaba por se revelar como o fundar originário do ser através da nomeação pelos poetas do que permanece constante (mesmo que encoberto). A quinta e última sentença percorrida por Heidegger da obra de Hölderlin no caminho para a essência da verdade a partir de sua poesia é a seguinte (2013, p. 52): “No azul sereno floresce o telhado metálico o campanário [...] Cheio de mérito, contudo poeticamente habita o homem sobre esta Terra”. Dessa forma, acredita-se que todos os resultados das “conquistas” humanas são realizados por méritos seu, mas o poema de Hölderlin acrescenta uma contraposição: “Contudo poeticamente habita”. O habitar poético é estar na presença do sagrado, em sua proximidade. Portanto, nesse tracejar pode-se estabelecer que a essência da poesia está atrelada à essência da linguagem. Poesia é nomear fundante do ser e da essência das coisas que são postas pela primeira vez. A língua, em sentido

originário, é a própria poesia fundante. Essa é, no entanto, a ocupação mais perigosa e, simultaneamente, a mais inocente.

Para pensar a essência própria da poesia deve-se meditar sobre todos os seus elementos. Sua essência aparece, no caminho tomado por Heidegger, não em sentido comum que trata a poesia como algo da pura imaginação, *imaginatio*, mas antes o poetar reflete na própria fundação do real. Poematizar é, assim, o nomear fundante originário. O poeta acolhe os sinais do divino e transmite a palavra para o povo. Dessa forma, continua Heidegger (2013, p. 57-58): “Assim, a poesia está inserida nestas leis do aceno dos deuses e da voz do povo - leis que tendem para a divergência e para a convergência. O próprio poeta se encontra entre estes – os deuses – e aqueles – o povo.” Ele recebe dos deuses e acolhe na língua. Portanto, a fundação do real depende dos sinais enviados pelo sagrado e pela escuta do poeta que na palavra interpreta para os homens na recordação da pertença ao ser.

## **O ASPECTO CAÓTICO E ABISMAL DA NATUREZA COMO ONIPRESENTE E SAGRADA**

O poeta é, então, o intermédio entre os homens e os deuses. Ele é o porta-voz para o povo. A poesia de Hölderlin se revela, para Heidegger, como o poetar da essência própria da poesia de uma era específica. É a época indigente do esquecimento do habitar próprio do homem. O poeta, assim, é aquele que procura e aguardando o sagrado o alcança. Um dos poemas de Hölderlin que retrata a essência do poetar, para Heidegger, é *Assim como em dia santo...* (2013). Nele o poeta retrata o trabalho de um camponês que enxerga um fruto depois de uma longa tempestade durante a noite que ameaçou sua colheita, mas que, por fim, traz o dom de um solo verdejante.

Assim como ele observa os resultados da tempestade, também o poeta se ergue em tempo propício para pressenti-lo. Dessa forma, a natureza no poetar de Hölderlin aparece em todo seu poema e possui o papel, aqui, de educar o poeta. Ela educa na medida que se faz presente em tudo, em todo real. A natureza se revela nos deuses e nas coisas dos homens, ela é onipresente.

O real é, de fato, o resultado do desvelar da natureza, ela é a maravilhosa onipresença e não é resultado de nenhum produzir humano, no entanto, participa de todo pro-duzir. A natureza é maravilhosa e bela no poetar de Hölderlin, pois se encontra em toda parte. Sua presença, entretanto, não abarca e engloba tudo em sentido da quantidade, de uma soma, mas permeia e se desvela em todo real. A natureza, então, está no que se ausenta e, também, no que se desvela. Conforme acrescenta Heidegger (2013, p. 66): “Ao mesmo tempo, porém, o onipresente arrebatava os opostos até a unidade do seu pertencimento recíproco”.

Para Heidegger, a unidade de opostos determina a essência do belo da natureza. Assim, continua (HEIDEGGER, 2013, p. 66): “A beleza deixa que os contrários sejam contrários, deixa que as relações recíprocas encontrem sua unidade, e assim deixa que tudo esteja presente em tudo a partir da pureza [*Gediegenheit*] do completamente diverso. A beleza é o onipresente”. A divindade na poesia de Hölderlin, os deuses como mensageiros do

sagrado aparecem com a aparência da natureza, do sagrado. Ao aparecerem para os homens evocam a própria natureza. Mas ainda não são a natureza, apenas sua aparência. Assim, completa Heidegger (2013, p. 66): “Ainda assim, o Deus alcança o grau máximo da aparência de beleza, e assim é o que mais se aproxima ao máximo do puro aparecer da onipresença”.

A natureza é bela por ser onipresente e por isso atrai os poetas. No tempo indigente, a natureza parece se ausentar. No poema parece estar de luto e se retrair. Mas nesse luto o que é ausente novamente sempre ressurgir e os poetas pressentem seu ressurgir, do que vai ao seu encontro como inaugural. Os poetas, dessa forma, pertencem à natureza, ao sagrado. Ela, assim, mantém-se no movimento de ressurgir e de repouso. Seu velamento é o recolhimento para o início principiante e inaugural do romper do que surge. Explica Heidegger (2013, p. 68): “Eis porque a natureza, em repouso, também pressente. Ela está ‘em casa’, conforme pensa antecipadamente na sua chegada”. Essa chegada é o presentificar da onipresença da natureza, é sua essência própria.

Assim, os poetas como os que pressentem procuram e aguardam o presentificar da natureza e, assim, correspondem a ela. Continua o filósofo (HEIDEGGER, 2013, p. 68): “Os Correspondentes ao maravilhosamente onipresente, ao potente, ao divinamente belo são ‘os poetas’”. É nessa correspondência à onipresença da natureza que se revela a essência do poetar. Entretanto, não são, aqui, todos os poetas empenhados com essa escuta e correspondência ao onipresente, apenas aqueles que auscultam o vindouro, que o pressentem e tomam a essência da natureza como medida para o nomear originário.

Natureza, aqui, na poesia de Hölderlin, não deve ser tomada em sentido comum da interpretação moderna como extensão, *res extensa*, contraposta a um sujeito. Ela é, essencialmente, divinamente onipresente. Em sentido originário grego, natureza é *physis*. Esse, do grego, remete para crescimento, como algo que cresce e rebenta e não em sentido evolutivo. Rebentar é abrir-se, desvelamento que retorna para a origem, para seu velamento que concede o próprio presenciar.

*Physis* é o clarear da clareira, é rebendo no aberto. No sentido originário a clareira possibilita algo a vir e aparecer. Nomeia Heidegger (2013, p.69):

*Physis* é o rebentar da clareira do iluminado, e assim a lareira e o lugar da luz. O luzir da ‘luz’ pertence ao fogo; é o fogo. Este é, ao mesmo tempo, claridade e ardor. A claridade brilha, e só ela dá a todo aparecer o espaço aberto, bem como dá a tudo o que aparece a perceptibilidade. O ardor ilumina e incendeia até abrasar, até tornar aparente tudo que emerge. Assim, o fogo é, como ‘luz’ iluminante e ao mesmo tempo ardente, o aberto que já está previamente em tudo o que, no âmbito do aberto, vem e se vai.

*Physis* como clareira nomeia a presença do que tem contorno e perdura. É a luz que, assim, rebenta e brilha. Ela também dá claridade, nela tudo irrompe e se torna aparente. *Physis* está em tudo que presentifica. Na poesia de Hölderlin *physis* enquanto natureza aparece, então, como divinamente bela e onipresente. Ela também é tudo que cria, já que está presente em tudo. Portanto, a partir de sua claridade tudo surge e que volta a principiar.

A natureza, então, poematizada por Hölderlin é a própria essência enquanto *physis* em sentido inaugural grego, do que rompe por si e simultaneamente recolhe-se. Para Heidegger, portanto (2013, p. 70): “A palavra hölderliniana ‘a natureza’ poematiza a essência da natureza de acordo com a verdade encoberta da palavra fundamental inaugural *physis*”.

A terceira estrofe do poema de Hölderlin trata sobre o rompimento da claridade, da natureza como irromper. Essa aurora é o crescimento que brilha e irrompe. O que os poetas pressentem e aguardam, assim, recolhendo na palavra. Esse nomear poético diz a própria natureza. Em um hino do poeta “*Junto à nascente do Danúbio*” temos (apud HEIDEGGER, 2013, p.71): “Nós te nomeamos, forçados de santa necessidade, te nomeamos a ti, Natureza! E novo, como do banho, sai de ti tudo quanto nasce divino”. Portanto, na poesia de Hölderlin a natureza aparece como clareira no aberto que vai ao encontro do poeta que, assim, a nomeia. Na palavra é revelada sua essência. O pôr na palavra, o nomear, preserva o sagrado. O poeta nomeia o que escuta, o vindouro que presente.

O sagrado, dessa forma, permeia tudo que se presenteia, todo o real. É na clareira, portanto, que tudo aparece como real. O sagrado como a natureza na poesia de Hölderlin não é, entretanto, a divindade. Mas a própria divindade nasce a partir do sagrado. Sua essência é rompimento da clareira. Sagrado é, assim, a essência da natureza que surge, cria e é onipresente. Ela é clareira e luz para o que se desvela, o próprio real.

Logo, a natureza onipresente unifica tudo e deixa aparecer o real. Sua forma de presenciar é rebento, é o inaugural que a tudo precede, permeia e possibilita a aparição. Natureza é, portanto, tomar o abismo como âmbito do real. Como luz que clareia, o abismo é a escuridão que volta a velar-se. O aberto clareado pela natureza é o espaço intermédio entre os mortais e o divino. Ele próprio não pode ser intermediado. Assim, expõe Heidegger (2013, p. 74): “O próprio aberto, contudo, que oferece um âmbito a tudo que é recíproco e articulado, para que entabulem tais relações, não provém de nenhuma mediação. O aberto é, ele mesmo, o imediato”.

A natureza, que é imediata, permeia tudo que se presenteia. Nunca é mediada, ela própria é mediação do real. Ela é inaugural e anterior a tudo. Ao discorrer sobre a poesia de Hölderlin, Heidegger elenca que a origem da natureza que a tudo principia é o próprio Caos sagrado do poema: “Segundo lei fixa, como outrora, saído do Caos sagrado”. Caos, no entanto, não aparece como algo sem ordenamento, mas caos é abismo, o aberto pelo qual “tudo é engolido”. O abismo é o sem fundamento, sem fundo, sem solo. Acrescenta Heidegger que (2013, p. 75): “O abismo recusa qualquer ponto de apoio a algo distinto e fundamentado”.

O sentido de desordem para o caos advém do esquecimento do sentido próprio arcaico de Caos. Ele, então, é pensado a partir da natureza (*physis*) do aberto que permeia tudo, do abismal. Caos é sagrado que permeia todo brotar. Caos sagrado é o inaugural. O papel do poeta é o resguardo. Logo, o sagrado em seu caráter de horrível, caótico, é o que permanece no caos sem fundamento. Os poetas, assim, o pressentem. Eles pressentem a vindoura aurora do sagrado.

Diz o poema de Hölderlin: “Agora, porém, rompe o dia!”. É a forma que o sagrado vem ao encontro. Os poetas como os que pressentem o vindouro do sagrado o pertencem. Eles pertencem ao caos do abismal, do sem fundo e fundamento, do aberto. No entanto, mesmo na pertença à abertura do sagrado, na ausculta e lançados no abismal, os poetas ainda pertencem ao mundano. Conforme o poema *O Único* de Hölderlin (apud

HEIDEGGER, 2013, p. 77): “Os Poetas também, que são Espírito, têm que ser do Mundo”.

Assim, o irromper inaugural, que tudo permeia e que presentifica, é anterior a tudo. Seu sentido originário foi esquecido e pode ser rememorado pelos poetas. Na poesia de Hölderlin os deuses são, também, por meio do sagrado, da natureza que surge por si e é anterior a tudo. O esquecimento da relação inaugural da *physis* por parte do homem, acaba por pôr a natureza numa espécie de dominação. Ela é, agora, tida como matéria passível de ser meramente calculada pela razão, *ratio*. Afirmo Heidegger (2013, p. 78-79): “Na sua precipitação em direção ao palpável, os homens receberam o que lhes foi reservado pela natureza divinamente bela apenas conforme lhes foi útil, e o empregaram em seu serviço, assim rebaixando a onipresente à posição de escrava”.

O sagrado como caos não é compreendido por nenhuma determinação do homem ou do poeta, não abarcam totalmente sua essência, apenas uma faceta do que vem ao encontro. Os poetas, entretanto, por lhe pertencer sentem os presságios do vindouro e, assim, cantam. Explica Heidegger (2013, p. 78): “Nem sequer o poeta alcança jamais o Sagrado por uma reflexão pessoal, nem esgotam sua essência, nem conseguem, por questionar, arrastá-lo para junto de si”. Logo, o que desperta nos poetas através da escuta do sagrado não pode ser apreendido como coisa entificada, *objectum*. Ele, assim, acolhe e o preserva em palavras na canção. Cantar é dar testemunho do sagrado. Conforme nos expõe a poesia de Hölderlin (apud HEIDEGGER, 2013, p. 81): “Tais que ela, ferida de repente, há muito já patente ao Infinito, treme de recordação, e, inflamada do raio sagrado, lhe é afortunado o fruto nascido em amor, obra de deuses e homens, o canto, que a ambos dê testemunho”. Por aguardar e acolher o sagrado o poeta pode cantar. O canto diz o sagrado. O poeta, entretanto, não consegue por si próprio nomeá-lo, mas antes esse envia ao poeta seus acenos.

É preciso que algo lance para o poeta a luz, os acenos do sagrado. Dessa forma, são os deuses, a divindade na poesia de Hölderlin que são os intermédios entre o sagrado vindouro e os poetas. No entanto, nem os deuses e nem os poetas possuem acesso direto a ele. Existe, aqui, uma relação mútua em que ambos o pertencem. Nessa pertença o poeta em tempo propício pressente o vindouro, ele é atingido pelo raio sagrado com a cabeça descoberta e por isso se volta para ele. Conforme o testemunho de Hölderlin (apud HEIDEGGER, 2013, p. 84): “E por isso bebem fogo celeste agora os filhos da terra sem perigo. Mas a nós cabe, sob as trovoadas do deus, ó poetas! Permanecer de cabeça descoberta”.

O cantar dos poetas testemunha o caos sagrado. Por isso, são expostos ao maior perigo por serem mediação entre o sagrado e os homens. Os poetas agarram os raios com as próprias mãos e permanecem com as cabeças descobertas. Eles são os solitários de coração puro que pertencem ao sagrado. Coração puro quer dizer originário, o que permanece inaugural e volta sempre a principiar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso traçado abordou o caminho tomado por Heidegger no desvelar da essência da poesia e do papel do poeta no poetar de Hölderlin. Assim, pôde-se considerar que a poesia revela-se como a mais inocente de todas as ocupações, pois o poeta que tem o dom do cantar escuta o sagrado que vem ao seu encontro como o mais originário e puro. A poesia de Hölderlin fala, portanto, sobre o retorno ao que é sagrado. Dessa forma, os homens precisam da canção do poeta, de seu canto inofensivo, para, assim, ouvir novamente o inaugural que sempre volta a principiar. O sagrado, logo, requer a mediação poética e a nomeação dos poetas.

O sagrado, portanto, como a natureza é lei constante, tudo é enquanto é permeado por sua onipresença. Ele, enquanto caos abissal, o que precede a tudo e inaugura o que permanece em sua pertença originária. Logo, os poetas dizem o que permanece. Como o poema de Hölderlin *Recordação* (apud HEIDEGGER, 2013, p.89): “Mas o que fica, os poetas o fundam”. O que permanece não é, entretanto, mera duração, mas começo inaugural do que sempre volta a principiar. A tarefa do poeta é o afinamento fundamental [*Grundstimmung*] em estar a todo momento na escuta do vindouro abissal.

## REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. *In: Ensaios e conferências*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Explicações da poesia de Hölderlin**. Brasília: Editora Unb, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Hinos de Hölderlin**. Lisboa: Instituto Piaget, /. 283 p.

HEIDEGGER, Martin. Para quê poetas?. *In: Caminhos de floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014. Cap. 5. p. 307- 367.

HEIDEGGER, Martin. ... Poeticamente o homem habita.... *In: Ensaios e conferências*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1959.